

## José<sup>1</sup>

Beto Vianna

E depois, José?

A festa nem bem começou, a luz nem bem acendeu, o povo não viu você, não veio o dia, não veio a noite, e a você, que tem até nome, depois só falta você.

E depois, José?

Vejo você maduro e imponente, nas ruas depois mais humanas de Belo Horizonte, subindo a Bahia, descendo Floresta, tomando um trago no bar que não fecha, esse que fica na entrada da Curitiba, do velho amigo Mercado Central, com os amigos e com as amigas, em dia de feira ou domingo de festa, que a cidade está clara, a cidade está calma, tem árvores verdes pra todo lugar.

Vejo você andando de bonde, o bonde circula por toda a cidade, de bairro pra bairro, da casa ao trabalho, são trilhos e trilhos e ao lado dos trilhos, já brincam os filhos daqueles amigos que nem sei se ainda ao mundo vieram, ou antes, vieram, só pra te esperar.

Assim é depois, José: as moradas vivas, desmuradas, de Belo Horizonte (só se fica sabendo depois) são casas e casas, de jardim alto e telhado baixo. Não há prédios que arranham o céu. Não há viadutos comedores de gente, não há filas de carro atropelando o andar das crianças e dos cachorros, não há filas de lojas disputando o coração das pessoas e dos namorados, não há prédios que arranham as matas, não há carros que arranham os gatos, não há lojas que enganam o céu. Numa faixa larga entre o telhado baixo das casas depois e o alto cume dos prédios de antes, o céu, quando está descoberto de nuvens, exhibe um permanente cinza-grisazul, cor pálida para lembrar, a cada passante lá embaixo, que a sua cidade natal, cheia de curvas ladeiras, só pode ser bela se é horizontal.

Vejo você envelhecendo, José, crescido em um tempo que a cada tempo que passa se adoça, passeando entre as estátuas estranhas de bronze da doce Savassi. Milhares de esculturas. Tamanho real. Antropomorficamente ativas, luzentes e ferruginosas, perfeitas em detalhe de carne e expressão, “nem falta cheirar” (dirá um parente de Michelangelo, se depois tiver nascido e aprendido a falar).

---

<sup>1</sup> Publicado em RAMALHO, Christina; PASCALE, J. G (org.). *Gente (Crônicas)*. Rio de Janeiro: Oficina, 2015. ps. 168-170

Cada escultura entalha um morador de rua, todos de antes: o menino, o aleijado, a mulher, o velho, o louco. Cada um era antes um pouco vivente de fato, numa época antes e atroz em que a meninos e aleijados, a mulheres e a velhos, e a loucos varridos da rua, tudo era negado, sem pudor, sem decência, era negada a própria existência.

E depois, José, vejo você toda manhã de sábado (sábado é dia dos mortos), marchando em silente e respeitosa paz pela Afonso Pena, trotando a cavalo pela Cristiano Machado, cruzando os escombros do túnel a galope, rumando do verde centro da capital à vila verde de Vespasiano, e depois vejo você depositar flores entre as flores do jardim da casa onde enterraram sua mãe (do seu pai, soube depois que morreu no sertão de Sergipe ou em cidade costeira, em briga de faca por mulher ou bebedeira, no tempo em que o mundo era uma loucura, e só pela precisão do não-repetir, tem que ficar na lembrança).

Vejo depois, José, gente que vive no mato, na roça e no sertão, gente que pesca com flecha, com o timbó e com o arpão, gente de casa de barro, de teto de palha, ou vive sorrindo, dormindo sem teto ao soalho do chão (quando a noite é estrelada e a lua comparece, parecendo um sol de prata, prateando a escuridão) mandando de tempos em tempos, pra vocês lá da cidade, um telegrama cifrado, dizendo que têm preguiça de voar lá pra cidade, mas que estão finalmente felizes com a sua merecida só-depois-felicidade. E depois, responde você: “atenciosamente, José”.

E depois de depois, José?

Depois vejo seus filhos, e as filhas dos seus filhos.

Não há mais cobre, não há mais gula, não há lavra de ouro, não há chaves pra abrir o cofre, pois não há cofres depois, não há ódio nem um instante, pois depois o mundo é livre e (como há dez mil anos, quando ainda não havia cercas) no mundo não há mais cercas, nem diante e nem detrás, e tal como você, José, seus filhos e as filhas dos filhos, ou as filhas que virão depois, podem ir a Minas, ou a qualquer outro lugar, como dez mil anos atrás, pois vejo que além de Minas, José, depois há de haver muito mais.